

Sociologia, ciência e profissão (Um percurso profissional)

Tânia Semedo Silva

Boa tarde a todos os presentes. Gostaria antes de mais de expressar a minha gratidão à Associação Portuguesa de Sociologia pelo convite que me endereçou e felicitar a iniciativa que considero particularmente interessante e útil, não só para os sociólogos já formados que têm aqui a oportunidade de partilhar experiências, como para os todos os alunos de sociologia e público em geral.

Ao olhar para o tema da conferência Sociologia, Ciência e Profissão e tendo em conta o desafio de: **colocar em debate sociólogos com diferentes perspectivas e estimular os estudantes de sociologia proporcionando-lhes o contacto com as experiências e ideias de sociólogos e dando-lhes a conhecer um pouco mais do que será a sua futura actividade profissional**, de imediato me remeteu para um episódio particular da minha vida, relacionado com a minha entrada nos ‘meandros’ da Sociologia.

Ouvi um dia alguém dizer, “só poderão dizer um dia que sabem alguma coisa se forem capazes de a explicar aos vossos avós e fazê-los compreender do que estão a falar” e esta ideia tocou-me.

Não muito tempo depois o meu avô, um homem do campo, que toda a vida viveu entre o cultivo de legumes e frutas e o cuidado dos animais, que fez questão que a filha (minha mãe) seguisse o estudos e orgulhosamente viu os netos seguirem para um curso superior, confrontava-me com essa prova. E pergunta-me ele no dia em que lhe dei a boa nova da entrada para a universidade: “Então e vais-te formar no quê?”, respondo-lhe entusiasticamente “Em sociologia avô!” ao que inevitavelmente retorquiu: “Então e isso é o quê? Quer dizer e fazes o quê depois com isso?”. Neste ponto as coisas complicaram-se...

É bem verdade que já tinha tido uma cadeira de sociologia no secundário, que tinha estudado, as instituições, os grupos, como se formam, as suas tipologias, as formas como se relacionam os seus membros (se há cooperação, se há conflito) e também era verdade que aquilo me fascinava, agora para o que é que aquilo dava... Bem tinha o exemplo do velho professor Palhas que era o docente da cadeira, ele era sociólogo, e também sabia que o marido da professora de português era sociólogo e estava na direcção do estabelecimento prisional de Portimão... Além disso na consulta de despiste vocacional com a Psicóloga da escola ela tinha-me dito que havia muitos sociólogos nas câmaras e nos recursos humanos das empresas... Foi mais ou menos isto que lhe devo ter dito e, devo confessar, foi uma resposta de tal forma pouco convincente que a expressão no rosto dele foi o suficiente para me pôr a mim a duvidar sobre em que é que eu me ia formar...

O facto que me fez querer começar a minha comunicação partilhando convosco este episódio, tem que ver com os dois aspectos que julguei serem interessantes explorar nesta comunicação que vos venho apresentar, enquanto jovem socióloga, com uma experiência profissional ainda bastante restrita: **o meu percurso de integração no mercado de emprego** e, de certa forma inerente, **a minha construção identitária enquanto profissional na área da sociologia**, fazendo a ponte entre as bases teóricas e metodológicas que a licenciatura me proporcionou, portanto os conhecimentos académicos adquiridos e as dimensões operatória, social e afectiva adquiridas em contexto de trabalho.

Terminei a licenciatura em Dezembro de 2002 e a realidade é que só nesse momento comecei a pensar em procurar emprego. Ao contrário de outros colegas de curso não antecipei à finalização da licenciatura, a procura de emprego. Sabia de colegas meus que já haviam marcado entrevistas com dirigentes de instituições no sentido de oferecerem os seus serviços, outros que já uns meses antes tinham enviado currículos para todo o tipo de entidades, desde

empresas, autarquias, instituições de solidariedade social, apontando a data prevista de finalização da licenciatura e propondo um estágio profissional. Eu, pessoalmente, achava que fazer isso era “pôr a carroça à frente dos bois”, não me sentia à vontade para dar esse passo (Cautela? Medo? Insegurança? - Muito provavelmente de tudo um pouco...).

No dia seguinte à defesa do trabalho de seminário resolvi então dar os primeiros passos: inscrever-me no centro de emprego de Évora e comprar uns jornais onde pudessem vir ofertas de emprego (ainda que não tivesse lá visto nada...).

Antes ainda de concluir a licenciatura inscrevi-me num ciclo de Formação de Agentes de Desenvolvimento Social, com uma estrutura curricular verdadeiramente interessante, na óptica da complementaridade com o que tinha aprendido na licenciatura e que para além dessa vantagem, ocupava quatro horas do meu dia de recém licenciada à procura do primeiro emprego (não confundir com desempregada!).

O tempo foi passando e um dia, por intermédio do Departamento de Sociologia, surge uma oportunidade de entrevista para emprego em Castelo de Vide (tinha passado um mês da conclusão da licenciatura), considero-me, nesta perspectiva temporal, verdadeiramente privilegiada. Fui então à minha primeira entrevista! O caminho até Castelo de Vide pareceu-me interminável... Foram mais de 100 quilómetros de introspecção, o que será que me vão perguntar, será que vou conseguir responder a tudo, será que vou ser capaz de provar estar à altura do trabalho para o qual me vou oferecer, será, será, será??

Bem, devo dizer que desde o dia em que enviei o currículo, até ao dia marcado para a entrevista, foi uma corrida por entre todo o tipo de leituras que me preparassem para aquele momento. Cheguei mesmo a comprar um manual de auto-formação intitulado “Entrevistas eficazes: o guia essencial para trabalhar melhor e ser bem sucedido”, onde encontrava todo o tipo de dicas, desde a postura corporal, o olhar, a forma de sentar, o controlo da ansiedade, as perguntas proibidas, o nível de entusiasmo, tipos de entrevistador... Nesta altura só tinha uma coisa em mente: não posso falhar, nada pode dar errado!...

No momento em que me sentei para a entrevista devo ter esquecido tudo o que tinha lido ali ao nível de protocolos e etiquetas, mas em compensação acreditei em mim, na validade do percurso que tinha feito até àquele instante e na mais valia que isso poderia representar para a instituição onde eu fosse trabalhar. Tentei e penso que terei conseguido, entre o nervosismo e a insegurança, mostrar-me capaz, disponível e acima de tudo flexível, não fosse a minha formação de base a sociologia. Pouco tempo depois ligaram-me e ficou combinado que começaria a trabalhar ali logo no início da semana seguinte, afecta a dois projectos sociais co-financiados, um por fundos nacionais e outro por fundos comunitários, prestando serviços à Santa Casa da Misericórdia e à Associação para o Desenvolvimento Turístico do Norte Alentejano.

Toda a insegurança, o medo que sentia antes de chegar ao momento da entrevista tiveram um interregno momentâneo em que explodiu de alegria. O facto de desempenharmos uma actividade profissional contribui para a nossa satisfação, realização pessoal enquanto indivíduos e membros de uma sociedade. E naquele instante senti-me realizada, não falo de uma realização plena mas da concretização de uma etapa e a passagem para a outra: era-me dada a oportunidade de aplicar os conhecimentos que adquirira durante quatro anos e, com isso, ganhar a minha independência financeira.

Mas, como disse antes, o interregno na insegurança e no medo foi mesmo momentâneo. Se anteriormente estes sentimentos se reportavam à minha capacidade de me fazer integrar num contexto de trabalho, agora transferiam-se para a minha capacidade em realizar a minha actividade profissional.

Estava então no primeiro mês de trabalho, a começar a ambientar-me ao local de trabalho, às pessoas, às funções, aos recursos disponíveis, quando recebo uma chamada do centro de emprego de Évora, onde de resto ainda não tinha anulado a minha inscrição...

Surgia uma nova oportunidade de emprego, desta vez, não a mais de 100 quilómetros de casa (porque a tinha já adquirido em Évora no momento em que vinda de Portimão vim para cá estudar), mas à porta de casa. A Câmara Municipal procurava um estagiário em sociologia! Resolvi não recusar de caras e ir pelo menos à entrevista, saber do que se tratava.

Com o nervosismo e a insegurança mais controladas via entrar e sair os outros candidatos, uns mais seguros e expectantes que outros, chegando a minha vez ouvi das entrevistadoras qual seria o plano de estágio e, mais uma vez “comercializei” o meu saber, fiz “self-marketing” sem querer que vejam nesta expressão um aspecto pejorativo. Aquelas pessoas procuravam um serviço, competências e cabia-me exclusivamente a mim fazer-las entender que eu as detinha, certamente não a totalidade, mas detinha igualmente a disponibilidade e a flexibilidade para adquirir as que me pudessem faltar, ou solidificar outras que não fossem tão consistentes. No mesmo dia ligara-me a dizer que tinha sido escolhida para integrar o lugar!

Não vos conseguiria aqui explicar o mar de dúvidas que se abateu sobre mim nesse instante. Muitíssimo bem recebida em Castelo de Vide, com algumas perspectivas de continuidade após o término do estágio e dos projectos, rodeada de gente afável e disponível, via-me agora na possibilidade de integrar um organismo público (e aqui a questão da estabilidade pesa muito) à porta de casa, com a mesma remuneração e no exercício da minha actividade de eleição – a Sociologia.

Fiz, sem exagero, perto de uma dezena de telefonemas na esperança que alguém resolvesse este “dilema” por mim. Os meus valores entraram em conflito com os meus interesses. Se não devia deixar o sítio que primeiro me acolheu e depositou em mim a confiança para realizar aqueles projectos, não devia recusar a hipótese de trabalhar perto de casa, evitando pagar duas rendas, poupando o carro de centenas de quilómetros e de integrando uma autarquia (supostamente com outras perspectivas ao nível da estabilidade...)

Valeu-me a opinião do meu primeiro entrevistador, o meu chefe, a pessoa que me havia acolhido e aquela a quem menos desejava desiludir: “faça o que é melhor para si, porque também é o que aqui lhe desejamos, se tiver que ir é com grande pena que nos despedimos de si mas só lhe podemos desejar as melhores felicidades!” E disse isto com um carinho e uma honestidade tão marcantes que me libertou, no sentido de dar o passo definitivo...

O trabalho desenvolvido na Câmara durante nove meses adjectivo-o de duas formas: um verdadeiro desafio e incrivelmente enriquecedor. Devo acrescentar que foi ali, durante aqueles nove meses de estágio que me tornei socióloga, ou melhor, que sinto ter começado a construir uma identidade nesse sentido. Foi um espaço de verdadeiro crescimento pessoal, absolutamente revolucionário para a minha forma de estar na vida e na profissão.

O desafio que me propuseram foi o de integrar a divisão sócio-educativa e mais especificamente o projecto da Rede Social do concelho. Tinha nove meses para construir, com a retaguarda de uma equipa multidisciplinar composta por representantes de diversos serviços (segurança social, direcção regional de educação, universidade, centro de emprego, sub-região de saúde e associação de freguesias) o diagnóstico social do concelho de Évora, de onde saíam as linhas orientadoras para a construção do Plano de Desenvolvimento Social do concelho.

Foi curioso para mim aperceber-me que era a única técnica com formação de base em sociologia no serviço, onde iria ser orientada por uma técnica de serviço social. Posso assim dizer que não tive durante esta fase de inserção na vida activa um modelo de base que apoiasse o meu processo de construção de identidade profissional. Mais complicado ainda se tornou quando, 2 meses depois do início do estágio, a pessoa responsável pela minha orientação foi transferida de serviço... ela que era a única pessoa que embora não encarnasse o modelo da profissão que eu tinha optado por seguir, revelava expectativas em relação à natureza do trabalho que era suposto eu desenvolver. De resto a equipa multidisciplinar era composta por técnicos de áreas ainda mais distantes, com percursos muito especializados e a convivência nem sempre foi pacífica. A cada dia construía a minha identidade sociológica, por distanciamento daqueles que não a possuíam.

A confusão, a angústia e a insegurança são sentimentos que actualmente percepciono como inevitáveis para quem cria expectativas em relação à qualidade dos resultados do seu trabalho, transporta uma enorme vontade de aplicar os pressupostos teóricos e metodológicos de base académica que adquiriu e se integra pela primeira vez no mercado de trabalho.

Não sendo meu propósito detalhar completamente a natureza das minhas funções naquele serviço, devo no entanto deixar claro o quão enriquecedor foi para mim. A relativa autonomia

técnica a que, a determinada altura, fiquei sujeita foi fundamental para o meu desenvolvimento. Este diagnóstico concelhio de que vos falo integrava áreas tão diversas como: menores em risco, terceira idade, deficiência, habitação social, saúde mental, toxicodependência, cuidados de saúde primários e diferenciados, imigração, HIV. Sobre todos eles me documentei, pesquisei e investiguei, a maior parte pela primeira vez. Sempre através do contacto com actores privilegiados, muitos deles técnicos e representantes de entidades com actividade naquelas diversas áreas de intervenção, tendo sempre presente os três objectivos fundamentais de qualquer diagnóstico:

- Documentar em que estado está o sistema de acção face ao problema identificado;
- Determinar a magnitude e importância dos problemas e as suas causalidades potenciais (procurando necessariamente a sua vulnerabilidade à intervenção);
- Identificar as questões chave em torno das quais se podem formular os objectivos de mudança social (com base num conhecimento estratégico);

De cada vez que a equipa reunia e decidia sobre mais uma área de intervenção fundamental que era preciso diagnosticar no sentido de encontrar os problemas e potencialidades de intervenção eu sentia-me a mais insegura das criaturas à face da terra. Penso que a todos nesta sala será fácil imaginar o porquê: por melhor alunos que tenhamos sido, por melhor preparados que no sintamos em termos teóricos e metodológicos, é só em contexto real de trabalho que nos tornamos sociólogos, é só perante situações concretas da realidade social, contextualizadas em função de uma cultura local, de actores reais, com recursos concretos, com tempos reais, que desenvolvemos os saberes operatórios que fazem de nós sociólogos de profissão.

Senti nesse período, que o conhecimento académico que adquiri é fundamental para o rigor no exercício da minha actividade enquanto socióloga. E é também o que sinto hoje nas funções que desempenho, actualmente no Observatório Social do Alentejo da Fundação Eugénio de Almeida, para onde concorri um pouco antes do fim do estágio na Câmara, por dois motivos: a Câmara atravessava um momento relativamente frágil que fazia com que não se previsse a abertura de concursos, nomeadamente na área da sociologia (e até hoje nessa divisão não trabalham sociólogos); vontade de evoluir, construir mais e diferente daquilo que tinha feito até ali.

E foi fundamental para mim ter dado este passo, e uma das grandes vantagens prende-se com o facto de que o trabalho que desenvolvo actualmente, insere-se num contexto muito diferente, tem por base uma coordenação científica rigorosa, distanciando-se daquele em que me iniciei, quase sem apoio. Também as áreas de investigação e desenvolvimento de projectos são outras, nomeadamente, a área cultural onde especificamente me debruço sobre as instituições que desenvolvem actividade nessa área de intervenção, no distrito, pesquisa e desenvolvimento de projectos relacionados com a evolução das formas de participação e intervenção cívica, como o voluntariado, ou a pesquisa e desenho de intervenção sobre outros problemas sociais contemporâneos como a conciliação da vida familiar e profissional.

Todas as concepções teóricas, todas as etapas da metodologia de projecto, todos os instrumentos de recolha e análise de dados, todos os princípios éticos e deontológicos que aprendi e interiorizei ao longo dos quatro anos de licenciatura permitiram-me sem dúvida ultrapassar os enormes desafios que qualquer um dos projectos onde tenho estado inserida têm representado para mim.

Senti e sinto que as concepções investigativas que me foram apresentadas durante a licenciatura, os modelos teóricos a partir dos quais se torna possível apreender e compreender as diferentes realidades e contextos sociais, as práticas metodológicas, os métodos de pesquisa e as técnicas, cada qual com possibilidades de aplicação prática diferenciadas são hoje a base do meu trabalho.

Da sua apreensão dependeu em muito a aquisição das competências que estão na origem daquilo que é hoje a minha identidade profissional, da minha forma de saber-saber, saber-fazer e saber-estar, da minha capacidade reflexiva e crítica tanto em relação ao segmento da realidade em análise, como em relação à minha intervenção, ao meu contributo. Sinto-me, em função

disto capaz de exercer um papel crítico sobre o pensamento social que concebe as definições hegemónicas ou naturalizadoras da realidade social.

Foi na diversidade de temas e contextos da realidade com que me cruzei, neste pouco tempo de actividade profissional, que descobri verdadeiramente a pluralidade evolutiva da sociologia. A sociologia ciência, da qual fiz profissão, porque quis, porque pude, porque tive essa oportunidade apresenta-se-me hoje como uma área de trabalho onde as potencialidades de desenvolvimento, crescimento e realização pessoal são verdadeiramente amplas e diversificadas.

Foi através desta mesma diversidade de temas e contextos em que me inseri e me fui desenvolvendo que me tornei verdadeiramente capaz de conceptualizar o papel da sociologia na sociedade contemporânea, o carácter criativo do trabalho científico sobre o social e a vantagem de ser socióloga nesta mesma sociedade contemporânea. Praticando a leitura de alguns problemas sociais, transformando-os em problemas sociológicos e igualmente identificando e construindo numa perspectiva pragmática e simultaneamente prospectiva, as inerências das redes de relações desde o nível macro das políticas sociais, entrando nas suas implicações ao nível meso nas estruturas organizacionais e grupos, até ao nível micro dos aspectos mais interaccionistas das relações entre os indivíduos.

Sei hoje que o objecto do meu trabalho não é construído de modo especulativo. Os quadros de referência teóricos em que sociologicamente me suporto, guiam os levantamentos de elementos empíricos que realizo e que, por sua vez, me permitem construir um modelo heurístico desse objecto, que me permitirá verificar empiricamente, segundo as técnicas apropriadas, as suas conjecturas descritivas ou constitutivas e finalmente explicativas, permitindo por em evidência as causas dos fenómenos que intervêm no problema estudado e desenhar modelos de intervenção.

Também sei que foi absolutamente fundamental para mim o processo de auto-aprendizagem que empreendi em paralelo com a licenciatura, onde se afloram muitos temas cujo aprofundamento é incompatível com as cargas horárias e os programas das disciplinas, mas que despertam os interesses pessoais de cada um. E compreendo hoje que não devemos por isso remeter a total responsabilidade das nossas competências para o que nos é taxativamente apresentado em contexto de ensino, mas antes auto-responsabilizarmo-nos pela nossa aprendizagem e pelo que fazemos deste percurso que não é hetero-imposto.

Igualmente enriquecedor tem sido o processo contínuo de formação em que me tenho envolvido, após a conclusão da licenciatura, no sentido de evoluir para áreas de especialização que me realizem e que, acima de tudo, representem uma mais valia pessoal directamente relacionada com o meu contexto de trabalho. Nem tudo o que parece é, e por vezes os investimentos que fazemos na formação acabam por não se revelar tão profícuos quanto as nossas expectativas iniciais o previam e por isso considero que também aqui aprendi a ser mais selectiva, deixando para trás a ambição de qualquer recém licenciado em apresentar um currículo que, não tendo uma experiência profissional de suporte, contemple um rol quase incompreensível de formações certificadas (mais pelo diploma, do que pelas competências).

Antes mesmo de terminar gostaria de referir uma outra dimensão do exercício desta profissão, tal como a concebo, que nem sempre vem nos livros, que nem sempre é abordada em contexto académico e que é acima de tudo fruto do contexto de inserção. Ao longo do meu processo de construção identitária (que é em grande parte inconsciente e sem dúvida contínuo), tendo noção da importância do domínio das teorias, métodos e técnicas, adquiridos em contexto académico, saberes operatórios adquiridos em contexto real de trabalho, que me caracterizam e diferenciam enquanto jovem socióloga, foram as capacidades ao nível da dimensão relacional e afectiva que mais me marcaram.

Não posso falar por ninguém a não ser por mim mesma, não posso referir-me com a exactidão necessária a outra experiência que não a minha, e é com base naquilo que significou para mim o desenvolvimento das dimensões relacional e afectiva que o exercício da minha actividade exigiu, que as considero dignas de referir.

Se a inserção profissional pode ser um processo enriquecedor, ao nível da satisfação das expectativas face ao desempenho de uma actividade, ao nível da ansiedade e vontade de rentabilizar todo um conjunto de conhecimentos adquiridos em contexto académico, não deixa de ser menos interessante do ponto de vista da socialização, ou seja, da dimensão relacional num contexto que se revela completamente diferente daqueles experienciados até aquela fase da vida, não digo por todos, mas por uma grande parte dos recém licenciados.

Até neste aspecto penso que esta ciência que é a Sociologia se revela uma vantagem. Chegar a um local onde existe uma estrutura que pode ser mais rígida ou mais flexível, mas onde já existem posições marcadas, estatutos sociais e profissionais, lideranças formais e informais, a dimensão relacional e afectiva é um elemento paralelo que não pode ser descuidado.

Por detrás das estruturas e missões organizacionais, estão as singularidades pessoais. Não foi pacífico para mim crescer e desenvolver capacidades neste campo. Senti muitas vezes que me descaracterizava, que corria o risco de ir contra os meus valores e a minha ética, pessoal e profissional, até ao momento em que me apercebi que não se tratava de descaracterização, mas de evolução pessoal. Nem sempre disse o que pensei, nem sempre reagi como julgaria normal e que noutras circunstâncias da vida nem seria alvo de reflexão, fazia e pronto, dizia e pronto.

O facto de me ter formado em sociologia trazia para mim uma responsabilidade acrescida no aperfeiçoamento da dimensão relacional da minha inserção, na minha socialização perante um novo contexto. Eu, enquanto licenciada em sociologia, muito melhor saberia identificar, interpretar e compreender porque determinadas pessoas, em determinadas posições e em determinados contextos agem daquela ou da outra forma.

Mais uma vez sinto que ganhei. Aperfeiçoei substancialmente a minha capacidade de argumentação, a minha capacidade de exposição oral e escrita e a minha postura face aos outros, aos meus colegas e chefias. No fundo sinto que aprendi a marcar o meu espaço e a fazer-me respeitar pessoal e profissionalmente, numa idade em que ainda é difícil, porque a idade é um posto, e tenho a consciência que a sociologia foi a minha mestre.

Concluo a minha comunicação partilhando convosco que ainda hoje não consigo explicar tudo ao meu avô, e tenho plena consciência que estou num processo contínuo, até mesmo diário, de aperfeiçoamento teórico, metodológico, técnico e relacional. A minha realização vem do facto de estar a fazê-lo enquanto aprendiz na sociologia!

Obrigada pela vossa atenção!

Referências

- ABREU, Wilson. (2001), *Identidade, formação e trabalho*, Lisboa: Educa.
- ALMEIDA, João Ferreira de, (1992), “Trabalhar em Sociologia, ensinar Sociologia”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 12.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SOCIOLOGIA, (1992), *Código Deontológico*, Lisboa, ICS, Ed. ISCTE.
- CARREIRAS, Helena, FREITAS, Fátima e VALENTE, Isabel (Orgs.), (1999), *Profissão Sociólogo*, Oeiras, Celta Editora.
- COSTA, António Firmino da, (1988), “Cultura Profissional dos Sociólogos”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 5.
- COSTA, António Firmino da, (1992), *Sociologia*, Quimera Editores, Lda,
- DUBAR, Claude (1992), *Formes identitaires et socialisation professionnelle*, *Révue Française de Sociologie*, XXXIII.
- DUBAR, Claude (1997), *A socialização – construção de identidades sociais e profissionais*, Porto: Porto Editora.

- DUBAR, Claude (1998), *Les identités professionnelles* in KERGOAT, J.; BOUTET, J.; JACOT, J. e LINHART, D. (org.) «Le monde du travail». Paris: Editions La Découverte.
- DUBAR, Claude (2000), *La crise des identités - L'interprétation d'une transformation*, Paris: PUF.
- DUBAR, Claude et TRIPIER, Pierre (1998), *Sociologie des professions*, Paris: Armand Colin.
- GIANNINI, M. e MINARDI, E. (org.) (1999), “Il gruppi professionali”, *Sociologia del Lavoro*, nº 70-71.
- GUERRA, Isabel. (1993), *Modos de vida: novos percursos e novos conceitos*, Sociologia - Problemas e Práticas nº 13.
- JAVEAU, Claude (1998), *Lições de Sociologia*, Oeiras, Celta Editora.
- MACHADO, Fernando Luis, (1996), “Profissionalização dos Sociólogos em Portugal: contextos, recomposições e implicações”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 20
- MENDES, J. M. (2001), “O desafio das identidades” in SANTOS, B.S. (org.), *Globalização: fatalidade ou utopia?*, Porto: Afrontamento.
- PINTO, J.M. (1991), *Considerações sobre a produção social de identidade*, Revista Critica de Ciências Sociais, nº32.
- PINTO, J.M. (2000), *Flexibilidade, segurança e identidades sócio-profissionais*, Cadernos de Ciências Sociais, nº 19-20.
- RODRIGUES, Maria de Lurdes, (2002), *Sociologia das Profissões*, Oeiras, Celta Editora.
- VALENTE, Isabel, Fernando Luis Machado e António Firmino da Costa (Orgs.), (1995), *Experiências e papéis profissionais de Sociólogos*, Lisboa, APS.